



A lâmina do vampiro

CARLOS MARCELO

—Não fale, amor. Cada palavra, um beijo a menos.

Dalton Trevisan não é homem de floreios ou digressões. Maneja frases, remove adjetivos, arranca verbos, insere vírgulas com destreza de cirurgião. Revolve a nervura da escrita até chegar à carne e ao osso. Aí ele não hesita; perfura. Médico, não. Monstro.

A escolha de Trevisan como o mais importante escritor brasileiro da atualidade pode surpreender os que acompanham a (tentativa de) sobrevivência da literatura no mundo das celebridades. Afinal, o curitibano não está nas redes sociais, nunca foi à Flip, não promove noites de autógrafos nem dá entrevistas. Ao contrário do comportamento ambíguo de Rubem Fonseca, convenientemente arredo apenas no Brasil, Dalton não se expõe em lugar algum. Preserva a própria imagem, desvia as luzes para os livros. A postura foi destacada pelos jurados do Prêmio Camões, que assim justificaram a escolha de Trevisan para receber em 2012 a mais importante premiação da língua portuguesa: “Ele fez uma opção radical pela literatura enquanto arte da palavra”.

Radicalidade e arte caminham juntas há décadas na obra do Vampiro de Curitiba, alcunha que nunca fez questão de renegar — ao contrário, até a cultua, com ajuda das ilustrações de Poty, onipresentes nas edições de sua casa literária, a Record. Personagem mítico da “cidade verde” (até há pouco tempo saudada como modelo de desenvolvimento urbano e qualidade de vida), avança contra o seu habitat, revestido pela autoridade só conferida pela íntima convivência: “Cinquenta metros quadrados de verde por pessoa/ de que te servem/ se uma em duas vale por três chatos? (...) não Curitiba não é uma festa/ os dias da ira nas ruas vêm aí” (“Em busca de Curitiba Perdida”).

Os textos longos sobre a capital paranaense, alguns em tom apocalíptico, são exceção. Usualmente o escritor não utiliza mais do que três páginas para engendrar obras-primas como o conto “Uma vela para Dario”, de *Cemitério de elefantes* (1964). Uma década antes de Chico Buarque erguer a sua *Construção*, Trevisan descreve a indiferença coletiva diante da morte de um transeunte (e a pilhagem do cadáver) na rua de uma grande cidade: “Dario em sossego e torto no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso (...). Apenas um homem morto e a multidão se espalha”. Não há tempo nem para carpeideiras nem para elegias: a vida segue e atropela quem fica pelo caminho, adverte o escritor. Como percebeu o crítico e poeta José Paulo Paes (1926-1988), a literatura de Trevisan é “arte impiedosa, mas não desumana”, baseada na “presentificação do assombro de viver”.

Na hora de assinar, todo soberbo o velhote, no seu oclinho torto:

—O meu nome, qual é? Quem mesmo sou eu?

Desilusão e desconcerto são as engrenagens que movem a prosa elíptica de Trevisan. Ele também costuma recorrer ao diminutivo em cenas de extrema violência (“Não com o facão, paizinho”) para amplificar o grito oculto nas casas de família. Dispensa verbos (“Agora feliz numa casinha de madeira no Cristo-Rei”, em “A guerra conjugal”, outra obra-prima, adaptada para o cinema em 1975 por Joaquim Pedro de Andrade) e exerce a síntese ao extremo nas narrativas mais recentes: duas, no máximo três frases. Haicais nada “poéticos”, que perturbam em vez de enlevar.

A velhinha meio cega, trêmula e desdentada:

—Assim que ele morra eu começo a viver.

Ao expor a brutalidade infiltrada entre quatro paredes, a temática de Trevisan tangencia a obra de outro gigante do século 20, Nelson Rodrigues. Mas, se no dramaturgo o trágico e o patético se misturam, no contista não há aceno para a farsa. Aqui a escrita é de uma faca só lâmina. Urge. Arde. Sangra.



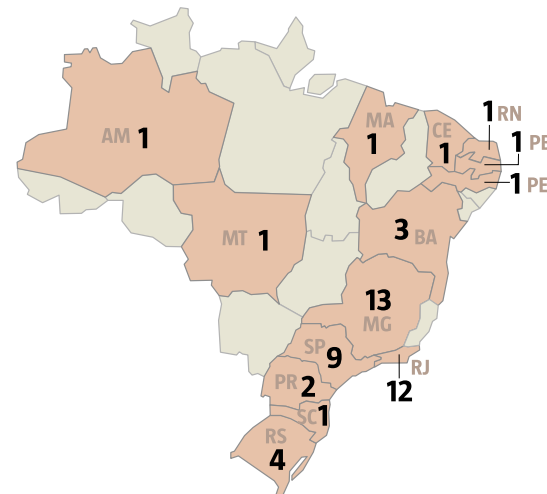
O reservado Dalton Trevisan, em foto rara, da década de 1970, feita para reportagem da revista *O Cruzeiro*

FORAM CITADOS 51 NOMBES, SENDO 39 HOMENS E 12 MULHERES

O MAIS VELHO É MANOEL DE BARROS, NASCIDO EM 1916, EM MATO GROSSO

A MAIS NOVA É ANA MARTINS MARQUES, NASCIDA EM 1977, EM MINAS GERAIS

DISTRIBUIÇÃO POR ESTADO DOS MAIS IMPORTANTES ESCRITORES BRASILEIROS VIVOS



OS MAIORES ESCRITORES VIVOS

- 1) DALTON TREVISAN, Paraná (1925)
- 2) FERREIRA GULLAR, Maranhão (1930)
- 3) LYGIA FAGUNDES TELLES, São Paulo (1923)
- 4) MILTON HATUOM, Amazonas (1952)
- 5) RUBEM FONSECA, Minas Gerais (1925)
- 6) JOÃO UBALDO RIBEIRO, Bahia (1941)
- 7) MANOEL DE BARROS, Mato Grosso (1916)
- 8) ARIANO SUASSUNA, Paraíba (1927)
- 9) RADUAN NASSAR, São Paulo (1935)
- 10) ADÉLIA PRADO, Minas Gerais (1935)
- 11) SÉRGIO SANT'ANNA, Rio de Janeiro (1941)
- 12) LUIZ RUFFATO, Minas Gerais (1961)
- 13) AUGUSTO DE CAMPOS, São Paulo (1931)
- 14) BERNARDO CARVALHO, Rio de Janeiro (1960)
- 15) LUIS F. VERISSIMO, Rio Grande do Sul (1936)
- 16) JOÃO GILBERTO NOLL, Rio Grande do Sul (1946)
- 17) NÉLIDA PINON, Rio de Janeiro (1937)
- 18) CRISTÓVÃO TEZZA, Santa Catarina (1952)
- 19) SILVIANO SANTIAGO, Minas Gerais (1936)
- 20) AFFONSO R. DE SANT'ANNA, Minas Gerais (1937)
- 21) PAULO HENRIQUES BRITTO, Rio de Janeiro (1951)
- 22) ALBERTO MUSSA, Rio de Janeiro (1961)
- 23) ARMANDO FREITAS FILHO, Rio de Janeiro (1940)
- 24) CARLOS HEITOR CONY, Rio de Janeiro (1926)
- 25) EVANDRO AFONSO FERREIRA, Minas Gerais (1945)
- 26) GLAUCO MATTOSO, São Paulo (1951)
- 27) IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO, São Paulo (1936)
- 28) RUI MOURÃO, Minas Gerais (1929)
- 29) ANGELA LAGO, Minas Gerais (1945)
- 30) EDNEY SILVESTRE, Rio de Janeiro (1950)
- 31) ANTONIO TORRES, Bahia (1940)
- 32) CHICO BUARQUE, Rio de Janeiro (1944)
- 33) FRANCISCO ALVIM, Minas Gerais (1938)
- 34) FRANCISCO AZEVEDO, Rio de Janeiro (1951)
- 35) LUIZ VILELA, Minas Gerais (1942)
- 36) LYA LUFT, Rio Grande do Sul (1938)
- 37) ANA MIRANDA, Ceará (1951)
- 38) JOÃO ALMINDO, Rio Grande do Norte (1950)
- 39) RAIMUNDO CARRERO, Pernambuco (1947)
- 40) ZULMIRA RIBEIRO TAVARES, São Paulo (1930)
- 41) ANTONIO CÍCERO, Rio de Janeiro (1945)
- 42) ANA MARTINS MARQUES, Minas Gerais (1977)
- 43) BEATRIZ BRACHER, São Paulo (1961)
- 44) CINTIA MOSCOVICH, Rio Grande do Sul (1958)
- 45) MARIA ESTHER MACIEL, Minas Gerais (1963)
- 46) MIGUEL SANCHES NETO, Paraná (1965)
- 47) PAULO COELHO, Rio de Janeiro (1947)
- 48) REINALDO DE MORAES, São Paulo (1950)
- 49) RUTH ROCHA, São Paulo (1931)
- 50) RUY ESPINHEIRA FILHO, Bahia (1942)
- 51) SEBASTIÃO NUNES, Minas Gerais (1938)